

UNIVERSITAS: REVISTA DE CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1968-1991

FLÁVIA GARCIA ROSA¹

(flaviagr46@hotmail.com)

SÔNIA C. VIEIRA²

(svieira@ufba.br)

KÁTIA DE CARVALHO³

(katia-carvalho@uol.com.br)

NANCI ODDONE⁴

(neoddone@ufba.br)

Vai-se à universidade estudar cultura, estudar o mundo.
Darcy Ribeiro

Resumo

O trabalho propõe um resgate histórico da revista *Universitas*, publicada entre 1968 e 1991 pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Bahia (UFBA) com o objetivo de veicular o ensino e a pesquisa realizados na UFBA. Inicialmente são traçadas as linhas gerais do contexto histórico que dá origem às universidades na Europa e no Brasil, seguindo-se um breve comentário acerca da atividade editorial na UFBA. Em seguida são analisadas as características editoriais e bibliográficas do periódico, segundo os critérios do Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal. Discute-se o conceito de “divulgação científica”, partindo-se do princípio de que a revista, conforme esclarece no seu primeiro número, deveria publicar artigos mais abrangentes. Cita a contribuição de alguns de seus autores, a exemplo de Thales de Azevedo, Machado Neto, Carlos Ott, Valentin Calderón, Florestan Fernandes, Milton Santos, Luís Henrique Dias Tavares e José Calasans. Reflete-se ainda sobre a importância da preservação da memória da instituição, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento produzido, sendo possível resgatá-lo e disseminá-lo em outros suportes. Conclui-se que a revista foi um marco na trajetória da UFBA, uma vez que retrata o pensamento humanístico e cultural da época de sua fundação.

Palavras-chave: revista *Universitas*; periódico científico; Universidade Federal da Bahia.

¹ Mestranda em Ciência da Informação pelo ICI/UFBA, diretora da EDUFBA.

² Mestranda em Ciência da Informação pelo ICI/UFBA, bibliotecária da Faculdade de Educação da UFBA.

³ Doutora em Comunicação pela ECO/UFRJ, diretora do ICI/UFBA.

⁴ Doutora em Ciência da Informação pelo IBICT/UFRJ, professora do ICI/UFBA.

INTRODUÇÃO

Em artigo publicado na edição de 20 de abril deste ano, a revista *Veja* noticiou o sucesso da Casa do Saber, entidade criada em São Paulo em 2004 para suprir o anseio de uma elite ávida por ampliar sua bagagem cultural e aprimorar sua formação. A Casa do Saber oferece “[...] aulas de filosofia, literatura, história e arte, ministradas por acadêmicos [...] como o filósofo Renato Janine Ribeiro e o crítico José Miguel Wisnik” (TEIXEIRA; VALLADARES, 2005, p. 122). No final dos anos 1960, em Salvador, também orientada para as artes, as letras e as humanidades e fortemente influenciada pelos ideais humanistas legados por Edgar Santos⁵, primeiro reitor da instituição, surgiu a *Universitas: revista de cultura da Universidade Federal da Bahia*.

Ocorridos em séculos diferentes, estes dois eventos convergem para um ponto comum: a necessidade que o ser humano sente de ampliar seu conhecimento e sua formação cultural. A universidade da Idade Média privilegiava a formação humanística. Na atualidade, porém, como ressaltou Otto Maria Carpeaux, o que resta da concepção harmônica do saber que aquelas instituições produziam e disseminavam? “O nome. [As universidades] já não formam *lettrés*, nem *gentlemen* [...]; formam médicos, advogados, professores. As universidades tornaram-se lugares de investigações científicas” (CARPEAUX, 1999). Sobre esta “nova espécie de intelectuais”, Ortega y Gasset teceu um ácido comentário:

[...] Novo bárbaro, atrasado em relação à sua época, arcaico e primitivo em comparação com a terrível atualidade de seus problemas. Este novo bárbaro é principalmente o profissional mais sábio que já houve, porém mais inculto também – o engenheiro, o médico, o advogado, o cientista. [...] (ORTEGA Y GASSET apud CARPEAUX, 1999).

⁵ Edgar Rego Santos nasceu em Salvador, no dia 8 de janeiro de 1894. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1917, onde mais tarde obteve a cátedra de patologia e cirurgia. Fez cursos de aperfeiçoamento na França e na Alemanha. A partir de 1936 assumiu a direção da Faculdade e em 1946, com o fim do Estado Novo, organizou a Universidade da Bahia, tornando-se seu primeiro reitor. Reeleito sucessivamente, permaneceu no cargo até 1952. Enquanto reitor incentivou a realização de seminários de música, a criação de escolas de teatro e dança, promoveu a recuperação do Convento de Santa Teresa e dos prédios do teatro universitário e da reitoria, além de construir a cidade universitária. Em julho de 1954 foi nomeado ministro da Educação e Cultura. Em setembro do mesmo ano, após o suicídio de Vargas, deixou o Ministério e retornou à Universidade da Bahia. Em 1961 foi nomeado presidente do Conselho Federal de Educação. Faleceu no dia 3 de junho de 1962, no Rio de Janeiro (FUNDAÇÃO, 2005).

CONTEXTO HISTÓRICO

O conceito de *universitas* designava originalmente a corporação de ofício ou agremiação formada pelos professores e alunos de uma determinada cidade (LAUAND, 1995). Contudo, como o termo *universitas* – cujo sentido é ‘totalidade’ – se aplicava a corporações de diferentes tipos, era preciso especificar o ofício que se pretendia designar (VERGER, 1990). A expressão que passou a ser empregada – *universitas magistrorum et scholarium* – atesta, portanto, que a universidade medieval era um tipo especial de corporação: uma comunidade de mestres e estudantes “envolvidos na elaboração e na transmissão de um bem muito peculiar: o conhecimento” (GEUNA, 1996). A cultura medieval cujos princípios as universidades partilhavam alcançou sua perfeição no século XIII, com a doutrina de São Tomás de Aquino.

[...] A Universidade de Paris, então “capital da cristandade”, considerava-se mesmo herdeira da Academia de Atenas. Na época de Tomás, era ela que dominava o panorama intelectual do Ocidente. É lá que se encontram os professores mais importantes, as oposições mais radicais e os estudantes mais turbulentos, vindos de todos os cantos da cristandade. Por isso mesmo, todas as novidades e todas as questões que lá se discutiam encontravam ressonância universal. Foi nesse ambiente privilegiado da Universidade de Paris que Tomás [de Aquino] desenvolveu o melhor de sua obra e de sua docência e enfrentou as mais duras batalhas intelectuais. [...] (LUAND, 1995)

Sempre com o decidido apoio da Igreja, as universidades surgiram em decorrência do renascimento intelectual iniciado no século XI em torno da Teologia e da Filosofia. Os estudantes, migrando por toda a Europa em busca de uma escola de seu interesse, eram acolhidos em colégios que funcionavam como albergues. Antes de surgirem os modernos Estados europeus, as universidades se caracterizavam pelo afã de aprender, a vontade de ensinar e o espírito de universalidade no cultivo e na transmissão do saber. Por várias centenas de anos foi possível aos estudiosos abraçar todas as disciplinas acadêmicas. A idéia de uma *universitas litterarum*, ou seja, de uma instituição que abrangia todo o saber, ganhara corpo. Embora *litterae* significasse ‘conhecimento’,

[...] na *universitas litterarum* o sentido do saber reunido não residia na soma dos conhecimentos, mas em sua integração ao todo coerente que era a ordem medieval [...]. Mais tarde, quando a palavra *litterae* passou a designar as disciplinas humanísticas, a expressão *universitas litterarum et scientiarum* começou a ser utilizada para indicar, explicitamente, a inclusão das ciências. [...] (JAHATT, 2005).

Nos séculos seguintes, contudo, essa síntese do saber permaneceu inalterada, deixando de representar as transformações pelas quais passava a cultura humana. A emergência de uma

mentalidade nova, inclinada a validar os conhecimentos produzidos pela ciência, não encontrou amparo na cultura religiosa. Assim, a universidade medieval não participou da gestação do Renascimento. Em poucas dessas universidades o conhecimento científico era prontamente assimilado. A maioria se dedicava apenas ao ensino, relegando a investigação a segundo plano. Os jovens começaram então a buscar outros espaços de convivência intelectual: as academias. Na Itália, França, Inglaterra e Alemanha elas começaram a ser criadas no século XVII (JAHIATT, 2005).

Se em sua origem a universidade esteve dedicada principalmente à transmissão da cultura de sua época, isto é, à reprodução de um sistema completo e integrado de idéias, com a crise da Idade Média essa síntese foi perdendo força, enquanto a sociedade pedia profissionais e cientistas. A noção da *universitas scientiarum*, isto é, de uma universidade detentora, produtora e transmissora do saber científico, só aparecerá com o Estado nacional absolutista, quando são fundadas as primeiras universidades leigas, estatais (MOROSINI, 2005). O desprestígio da universidade tradicional provocou a extensão do modelo napoleônico a outros países da Europa. A partir do século XVIII, também por influência do Iluminismo, todo o sistema universitário medieval seria desacreditado.

Foi nesse cenário que começou a ocorrer o fenômeno da explosão informacional, sobretudo após a invenção da imprensa por Gutenberg. Esta, por sua vez, produziu novos avanços tecnológicos, contribuindo para aperfeiçoar as características dos processos de edição e distribuição de documentos (ODDONE, 2004). O incremento da produção intelectual e, em consequência, da produção de impressos, ampliou o intercâmbio de idéias, ensejando a consolidação da prática científica (EISENSTEIN, 1998). As primeiras revistas científicas surgiram no final do século XVII – no mesmo ano de 1665 foram lançados os periódicos *Journal de Sçavans*, produzido na França, e o *Philosophical Transactions*, publicado pela Royal Society de Londres – dando origem ao sistema de revisão de pares, hoje tão importante para a atividade científica (STUMPF, 1996; MEADOWS, 1999). Os primeiros periódicos científicos brasileiros só foram criados dois séculos depois dos europeus: a *Gazeta Médica da Bahia*, fundado em 1866, e o *Brazil Médico*, de 1887.

Ao lado da revolução desencadeada pela imprensa sobre o registro e a disseminação da informação, consolidavam-se as universidades européias, em especial aquelas que haviam surgido depois da Idade Média. Ao longo da história, essas universidades foram responsáveis por grande parte do conhecimento produzido no mundo. No Brasil, ao contrário de outros países sul-americanos nos quais o ensino superior se tornou realidade desde o século XVI, a criação

das universidades foi marcada pela resistência de Portugal, como reflexo da política de colonização (SCHWARTZMANN, 2001).

Só entre as décadas de 1920 e 1930, graças ao esforço de intelectuais esclarecidos, as primeiras iniciativas universitárias ganham fôlego. Em 1920 surge a Universidade do Rio de Janeiro, em 1927 a reunião das quatro escolas de nível superior existentes em Belo Horizonte permitiu a criação da Universidade de Minas Gerais e em 1928, a Universidade do Rio Grande do Sul. A ela se seguiram a Universidade de São Paulo, em 1934, e a Universidade do Distrito Federal, criada em 1935 e fechada pelo Estado Novo em 1939. A Universidade da Bahia foi criada em abril de 1946, pelo Decreto-Lei nº 9155, assinado pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra e pelo Ministro da Educação Ernesto Souza Campos. Em julho do mesmo ano, reunido para eleger o Reitor, o Conselho Universitário, por votação unânime, indica o Professor Edgar Rego Santos para ocupar o cargo. A posse ocorreu no mesmo ano, em cerimônia solene no dia 2 de julho, data magna da Bahia. (UNIVERSIDADE, 1967)

O reitorado de Edgar Santos foi marcado por ações de incentivo ao ensino universitário, de modo geral, mas, principalmente, pela implantação de estudos superiores em áreas que, na época, eram consideradas ‘supérfluas’. Através da criação de escolas de artes e de institutos de extensão cultural, a Universidade passou a participar dos movimentos culturais da Bahia. Assim, em 1955 foi criado o Seminário de Música e, no ano seguinte, as escolas de Teatro e Dança. Em 1959 foi inaugurado o Museu de Arte Sacra.

[...] os institutos de extensão cultural passam a influir no aperfeiçoamento dos universitários baianos, no propósito de não os enclausurar a uma educação do específico, ou seja, apenas ao curso profissional [...], mas com a intenção de dar uma mentalidade nova à participação universitária [...]. (UNIVERSIDADE, 1967, p. 69).

Entre as iniciativas culturais postas em prática por Edgar Santos na Universidade havia um programa editorial: *Publicações da Universidade da Bahia*, responsável pela “[...] difusão da cultura, [...] edição de trabalhos originais, científicos e literários, nacionais e estrangeiros e [...] de autores baianos” (UNIVERSIDADE, 1967, p. 72).

Após as cinco gestões⁶ consecutivas de Edgar Santos (1946-1961), Albérico Fraga, escolhido pelo Presidente Jânio Quadros através de uma lista tríplice, assume a reitoria em julho de 1961. Marcado pela crise política nacional e por sérias dificuldades financeiras, esse reitorado teve conseqüências graves para a Universidade.

⁶ Na época o reitorado tinha a duração de três anos.

Tomando posse em julho de 1964, o ex-Ministro da Fazenda do Presidente João Goulart, Professor Miguel Calmon, de reconhecida experiência econômica e administrativa, sucedeu Albérico Fraga. Em seu reitorado o Departamento Cultural voltou a cumprir funções mais importantes, funcionando como um elo de ligação entre o Reitor e as várias comissões encarregadas das reformas didática e administrativa da Universidade. Na coordenação desse Departamento o Professor Roberto Santos recriou a Comissão de Publicações, que havia sido interrompida em 1962. É então que se começa a pensar na publicação de uma revista de cultura para a Universidade.

REVISTA *UNIVERSITAS*: PENSAMENTO E CULTURA DE UMA ÉPOCA

A criação da *Universitas* como veículo de divulgação cultural em 1968, durante o Reitorado do Professor Roberto Santos, confirmou a noção de que “[...] a função da universidade não deve ser resumida às expectativas e exigências do mercado de trabalho ou ao cientismo. [...] A preparação nas universidades deve e tem de ser cultural e científica” (PINHEIRO, 1992, p. 3). Segundo Fernando da Rocha Peres, Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA e membro da Comissão Editorial da revista quando de sua criação, “o objetivo era divulgar trabalhos de docentes em todas as áreas do conhecimento, mas especialmente nas áreas das Letras e Ciências Humanas. [...] A *Universitas* foi pensada como coroamento do longo reitorado de Edgar Santos, que imprimiu à nossa Universidade uma orientação para as artes, as letras e as humanidades”⁷.

Ao esclarecer em seu primeiro número que pretendia evitar “[...] a idéia de uma publicação aberta a matérias por demais específicas [...]”, a revista *Universitas* – cujo subtítulo, *revista de cultura da Universidade da Federal da Bahia*, já enfatizava sua vocação – reforça o pensamento de Roqueplo, para quem a ‘divulgação científica’ seria

[...] toda atividade de explicação e de difusão dos conhecimentos, da cultura e do pensamento científico e técnico, sob duas condições. A primeira delas é que essas explicações e essa difusão [...] sejam feitas fora do ensino oficial [...]. A segunda [...] é que tais explicações [...] não devem ter como objetivo formar especialistas, nem mesmo aperfeiçoá-los em sua própria especialidade. [...] [A] divulgação científica deve se dirigir ao maior público possível sem, no entanto, excluir o cientista ou o homem culto [...]. (MASSARANI, 1998, p. 19).

⁷ Em entrevista pessoal.

Em artigo publicado na revista *Comciência*, Carlos Vogt traça a dinâmica da chamada cultura científica: uma espiral em duas dimensões, evoluindo sobre dois eixos, um horizontal, relativo ao tempo, e um vertical, relativo ao espaço (Figura 1). O autor apresenta quatro categorias constitutivas para a sua espiral: **1) a difusão científica** (produção e circulação do conhecimento científico); **2) o ensino da ciência e a formação de cientistas**; **3) o ensino para a ciência**; **4) a divulgação científica**. A idéia do autor é que, cumprido o ciclo de evolução da espiral não se regressa ao mesmo ponto de início, mas a um ponto ampliado de conhecimento. Em termos gerais, a espiral da cultura científica pretende representar “[...] a dinâmica constitutiva das relações inerentes e necessárias entre ciência e cultura” (VOGT, 2003).

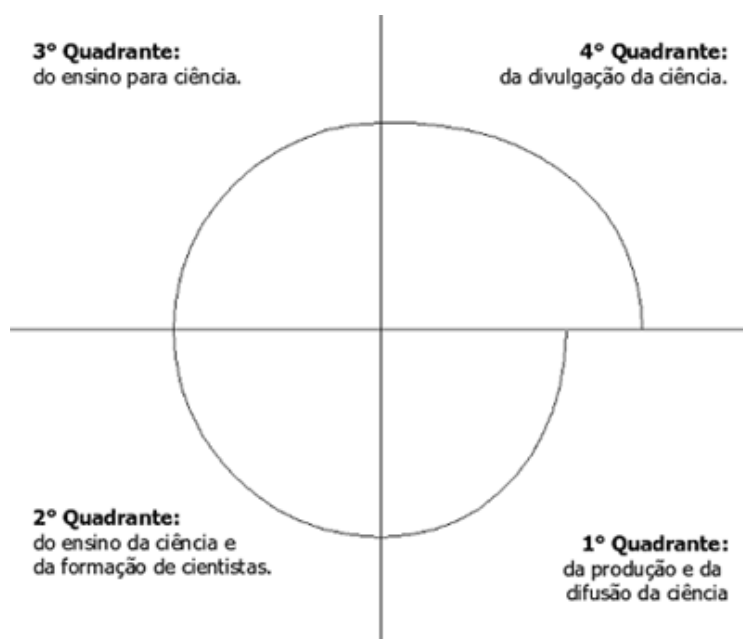


Figura 1 – Espiral de Cultura Científica (VOGT, 2003)

Vogt argumenta ainda que a expressão ‘cultura científica’ contém

[...] a idéia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda do ponto de vista da divulgação na sociedade como um todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e de sua história [...]. (VOGT, 2003).

CARACTERÍSTAS EDITORIAIS DA REVISTA *UNIVERSITAS*

A análise das características editoriais da *Universitas* foi baseada nos parâmetros utilizados pelo Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas da América Latina, el Caribe, España y Portugal (2005), que considera os seguintes aspectos:

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS
01. Corpo editorial – existência de um Conselho Editorial ou de um responsável científico
02. Identificação dos autores – identificação do autor individual ou de autoria institucional
03. Diretor – nome de Diretor ou Responsável Editorial ou equivalente
04. Endereço – endereço da administração da revista para efeito de solicitação de assinaturas, permuta e envio de trabalhos
CARACTERÍSTICAS DE APRESENTAÇÃO DA REVISTA
05. Folha-de Rosto – título completo, ISSN, volume, número, data e legenda
06. Periodicidade – números de fascículos que foram editados no ano
07. Sumário – título, autor e página inicial
08. Legenda bibliográfica no início de cada artigo
09. Legenda bibliográfica em cada página
10. Membros do Conselho Editorial – nomes dos membros do Conselho Editorial
11. Afiliação dos membros do Conselho Editorial
12. Afiliação dos autores
13. Recepção e aceitação dos originais – indica as datas de recebimento e aceitação do artigo para publicação
CARACTERÍSTICAS DE GESTÃO E POLÍTICA EDITORIAL
14. ISSN – Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas
15. Descrição da revista – Objetivo e cobertura temática e o público ao qual a revista é dirigida
16. Sistema de arbitragem – Procedimento empregado para a seleção dos artigos
17. Avaliadores externos – se o sistema de arbitragem recorre a avaliadores externos a entidade ou a Editora da revista
18. Autores externos – 50% dos artigos publicados devem proceder de autores externos a Entidade editora
19. Serviços de informação – se a revista está incluída em algum serviço de indexação, resumo ou diretório
20. Cumprimento de periodicidade – se a revista edita durante o ano o número de fascículos correspondentes com a periodicidade expressada
CARACTERÍSTICAS DO CONTEÚDO
21. Instruções aos autores – refere-se ao envio dos originais e resumos
22. Elaboração de Referências Bibliográficas nas instruções aos autores
23. Resumo – todos os artigos devem ser acompanhados de um resumo no idioma original do trabalho
24. Resumo em dois idiomas – no idioma original do artigo e em outro idioma
25. Palavras-chave – no idioma original do artigo e em outro idioma

Elaborado pela pintora, desenhista e professora baiana Jacyra Oswald, o projeto gráfico da *Universitas* foi mantido durante todo período de publicação da revista.

Quanto às *características básicas*, no seu primeiro número a *Universitas* contava com uma **Comissão Editorial** específica, com a seguinte composição: Hélio Simões (Professor do Instituto de Letras), José Romélio Aquino (Professor da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas), Fernando da Rocha Peres (Professor da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas), Mário Cravo (artista plástico) Walter Bautista Vidal (Instituto de Física) e, como **Responsável Científico** assinava Valentin Calderón (Professor da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas). No verso da folha de rosto o endereço da **administração**, para efeito de solicitação de assinaturas, permuta e envio de trabalhos, era mencionado. No final de cada fascículo constava relação com a **identificação dos autores** e o colofão.

No que se refere às *características de apresentação da revista*, à medida que novos números iam sendo publicados, os demais itens também iam sendo incorporados. Com relação à legenda bibliográfica, ela passa a ser empregada no número 25, de 1979. Quanto ao ISSN seu registro ocorreu a partir do número 27, também de 1979, quatro anos após a implantação do sistema no Brasil. Sua periodicidade foi irregular, passando de semestral a quadrimestral, e apresentando interrupções durante os seguintes períodos: 1974 a 1976, 1980 a 1984 e 1988 a 1990, quando de sua suspensão definitiva. Não indicava as datas de recebimento e aceitação de cada artigo.

No que tange às *características de gestão e política editorial* a *Universitas* não apresentava uma política editorial consistente, que pudesse de fato se traduzir em um projeto inserido no contexto da instituição.

Quanto ao último parâmetro, referente às *características do conteúdo*, a revista atende a alguns requisitos: referências bibliográficas e resumos, este último aparecendo pela primeira vez no número 25, de 1979. As instruções aos autores eram divulgadas sob a forma de *folder* pelo Centro Editorial e Didático, órgão responsável pela sua publicação a partir de 1977.

Além dos parâmetros acima mencionados, algumas peculiaridades foram levantadas:

- a ficha catalográfica aparece a partir do número 2, de 1969, junto ao colofão; somente no número 25, de 1979, a ficha aparece no verso da folha-de-rosto;
- até o número 18, de 1977, a autoria aparecia no final do texto; somente a partir do número 19, de 1978, o nome do autor passa a constar logo após o título do artigo;
- dos números 19, de 1978, ao 27, de 1979, passa a haver subdivisões por áreas do conhecimento, assim distribuídas: número 19 – Letras, 20 – Ciências da Saúde, 23 – Ciências Exatas, 25 – Artes, 26 – Ciências Humanas e 27 – Letras. A partir do número 28 a revista retorna ao padrão anterior. Nos números 21, 22 e 24 não foi adotado o sistema por áreas;

- houve alteração no nome da revista: no número 33, de 1985, passa a denominar-se *Universitas: Revista da Universidade Federal da Bahia*, com subdivisão em duas áreas – ‘Ciência’ e ‘Cultura’ – em substituição a *Universitas: Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia*;
- os temas abordados durante a existência da revista foram organizados e publicados em índices pelas bibliotecárias Isnaia Veiga Santana e Marly Magalhães de Freitas, em comemoração aos 50 anos de fundação da UFBA (SANTANA; FREITAS, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante três séculos não houve grandes alterações na estrutura dos periódicos científicos (ZIMAN, 1979). Só no século passado é que avanços tecnológicos significativos trouxeram novos padrões à comunicação entre cientistas. Graças inicialmente à máquina de escrever e, depois, aos computadores e aos *softwares* específicos de edição, o processo de editoração científica, que se iniciou manualmente com a tipografia, tornou-se ágil. Na década de 90, com o surgimento das redes de telecomunicações, começa por fim a verdadeira e mais revolucionária das transformações: a migração do papel para o suporte eletrônico.

Ao longo de seus 23 anos de existência, a revista *Universitas* recebeu pouca influência das novas tecnologias de comunicação e informação, seja no que diz respeito ao seu processo produtivo, seja no que se refere à disseminação de seu conteúdo. Seus artigos não se encontram indexados em nenhuma base de dados referencial, constituindo uma barreira para o acesso ao seu conteúdo – os 364 artigos e 23 resenhas de todas as áreas do conhecimento que tão bem retratam um período efervescente da cultura da UFBA.

A coleção completa da *Universitas* encontra-se disponível para consulta apenas em suporte papel, na Seção Memória da Biblioteca Central da Universidade. Seu registro no *Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN)*, disponível pela Internet (http://www.ct.ibict.br/ccn/owa/ccn_consulta), indica ocorrências de exemplares da revista em nove bibliotecas setoriais da UFBA e em bibliotecas de onze outros estados brasileiros: Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, porém as coleções estão incompletas.

A produção intelectual contida nos fascículos da revista, com contribuições de autores como Thales de Azevedo (6), Luís Henrique Dias Tavares (5), Luiz Navarro de Britto (4), Car-

los Ott (7), Frederico Edelweiss (6), Nelson de Sousa Sampaio (7), Fernando da Rocha Peres (5), Américo Simas Filho (4) e Antonio Luis Machado Neto (6), entre outros, está a merecer um projeto de resgate de forma a permitir que as novas gerações tenham acesso a esse conhecimento. Uma iniciativa da Universidade voltada para a digitalização desse acervo intelectual e para a sua disponibilização em formato eletrônico seria a forma mais justa e democrática de inserir a *Universitas* nas políticas universitárias de divulgação científica e de preservação da memória institucional.

As análises editorial e bibliográfica empreendidas neste estudo permitem concluir que a *Universitas* foi um marco na trajetória da Universidade Federal da Bahia, uma vez que ela retratava o pensamento humanístico e cultural da época de sua fundação. Pode-se afirmar com segurança que um dos fatores que contribuiu para a sua fragilidade e instabilidade foi a inexistência de um projeto editorial mais consistente, inserido na política de comunicação da instituição. Os resultados da ausência de tal projeto estão refletidos no caráter irregular de sua periodicidade, na incoerência das alterações estruturais efetuadas, na negligência com que os padrões normativos eram seguidos e, por fim, na própria extinção do periódico.

REFERÊNCIAS

CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos, 1942-1978*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. Volume 1, de *A Cinza do purgatório* até *Livros na mesa*: “A idéia de universidade e as idéias das classes médias”. Disponível em <http://www.oindividuo.com/carpeaux1.htm> e em <http://paginas.terra.com.br/arte/ecandido/artigo11.htm>. Acesso em 21.05.2005.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna*. São Paulo: Ática, 1998.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. *O Brasil no segundo governo Vargas, 1951-1954*: Edgar Santos. Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/nav_gv/html/biografias/Edgar_Santos.asp. Acesso em 21.05.2005.

GEUNA, Aldo. *European universities: an interpretive history*. Preprint, 1996. 56p. <http://www.merit.unimaas.nl/publications/rmpdf/1996/rm1996-012.pdf>. Acesso em 21.05.2005.

JAHIATT, Benedicto Chuaqui. Sobre la historia de las universidades a través de sus modelos. *Ars Medica – Revista de Estudios Médico Humanísticos*, Santiago de Chile, v. 5, n. 5, 2001. Disponível em <http://escuela.med.puc.cl/publ/ArsMedica/ArsMedica5/HistoriaUniversidades.html>. Acesso em 21.05.2005.

LATINDEX – SISTEMA REGIONAL DE INFORMACIÓN EN LÍNEA PARA REVISTAS CIENTÍFICAS DE AMÉRICA LATINA, EL CARIBE, ESPAÑA Y PORTUGAL. *Criterios de evaluación para las revistas electrónicas*. Disponível em http://www.latindex.org/articulos/revistas_elec.html. Acesso em 10 abr. 2005.

LAUAND, Jean. *Razão, natureza e graça*: Tomás de Aquino em sentenças. S. Paulo: Edix; Departamento de Letras Orientais/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1995. Disponível em <http://www.hottopos.com/mp3/sentom.htm>. Acesso em 21.05.2005.

MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro*: algumas reflexões sobre a década de 20. Rio de Janeiro, 1998. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/CNPq; Escola de Comunicação/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

MEADOWS, Jack A. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MOROSINI, Marília Costa (coord.). *Rede Universitas – Produção Científica sobre Educação Superior no Brasil*: conceito de universitas. Disponível em <http://biblioteca.ead.pucrs.br/universitas/projeto/conceito.html>. Acesso em 21.05.2005.

ODDONE, Nanci E. *Ciência da informação em perspectiva histórica*: Lydia de Queiroz Sambuquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970). Rio de Janeiro, 2004. 157p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. *Obras completas*. Madrid: Revista de Occidente, 1846-1983. 12 v. Tomo IV: *Misión de la universidad* [1930], p. 1289.

PINHEIRO, Délio José Ferraz. Em busca do diálogo perdido (I): o círculo de giz. *Cadernos de Geociências*, Salvador, n. 2, p. 1-5, fev./maio, 1992.

SANTANA, Isnaia Veiga; FREITAS, Marly Magalhães. *Índice da Universitas (1968-1991)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Biblioteca Central, 1996.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em <http://www.ibict.br/cienciainformacao/inclue/getdoc.php?id=846&article=504&mode=pdf>. Acesso em 21.05.2005.

SCHWARTZMANN, Simon. *Um espaço para a ciência*: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, 2001.

TEIXEIRA, Jerônimo; VALLADARES, Ricardo. A educação da elite. *Veja*, São Paulo, ano 38, n. 16, p. 122-124, abr. 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento Cultural da Reitoria. *Notícia histórica da Universidade da Bahia*. Salvador, 1967.

VERGER, Jacques. *As universidades na Idade Média*. São Paulo: UNESP, 1990.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. *ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, n. 45, jul. 2003. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml> Acessado em 17 maio 2005.

ZIMAN, J. M. *Conhecimento público*. São Paulo: EDUSP, 1979.